

REFLEXÃO

O BRASIL E OS LIMITES GLOBAIS DOS RECURSOS NATURAIS

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO

Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

A natureza não nos permitiu conhecer o limite das coisas.

Marco Túlio Cícero,
pensador romano

A DISCUSSÃO sobre os limites físicos do planeta Terra e os seus impactos para a humanidade é tema relevante e sempre lembrado desde a formulação por Malthus, em sua teoria sobre o crescimento populacional, de que seria impossível o atendimento das demandas futuras de alimentos pelos recursos naturais limitados.

Os ganhos de produtividade, nas revoluções da agricultura, alongaram as perspectivas malthusianas e mostraram a força da inovação. Com o conceito fundamental e relativamente recente de desenvolvimento sustentável, assegurar a segurança alimentar global pressupõe garantir a biodiversidade agrícola, a paz e a qualidade de vida das populações.

A análise do que se passa agora é apresentada por instituições internacionais de renome. A organização não governamental (ONG) World Wildlife Fund (WWF) alerta para a duplicação da pegada ecológica da humanidade, que, de 1966 a 2007, excedeu a biocapacidade do sistema terrestre em mais de 50%. Em 2010, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) deu uma dimensão dramática sobre essa questão no relatório

“The State of Food Insecurity in the World”. Este documento, é claro, trata dos limites do Planeta e do desperdício dos alimentos.

No caso da agricultura global, a resposta da produtividade veio com a irrigação, a mecanização agrícola, a utilização das variedades obtidas no trabalho genético, o uso dos fertilizantes e o emprego dos produtos químicos contra pragas e doenças. No caso do mundo tropical, a integração das áreas antes consideradas não agrícolas, como os cerrados brasileiros, foi fundamental às respostas de aumento da oferta de alimentos e energia renovável de biomassa.

É interessante lembrar que, em 1972, o Clube de Roma já havia produzido um relatório chamado “The Limits to Growth”, com projeções sobre as dificuldades que teria a humanidade “nos próximos cem anos”, ou seja, até 2072. Independentemente das críticas a isso – inclusive minhas –, é relevante citar a National Academy of Sciences (dos EUA), que, em sua publicação de 2002, revelou que a capacidade da biosfera de suportar a procura humana por serviços dos seus ecossistemas havia sido excedida.

Sem dúvida, o mercado e as inovações tecnológicas resolverão boa parte dos problemas futuros por

meio de preço e produtividade. Isso revela a face das ameaças, mas escancara as oportunidades ao Brasil. É de disso que se trata a questão geopolítica no tocante a sofrer pressão real dos limites do Planeta.

Queimarão a boca ou a caneta aqueles que insistem em citar como um dos pontos fracos do Brasil a exportação de *commodities*. Nossa riqueza está nisso e na luta para reverter as dificuldades que os países impõem ao Brasil via taxaço para que exporte produtos sem maior valor agregado.

Esse tema, em boa parte, será equilibrado em torno do debate interno sobre a redução do custo de infraestrutura e burocracia, assim como sobre a abertura dos mercados externos, de que tanto dependem países como o Brasil e os outros do Cone Sul. ■

